

Moças Para um Bom Partido

Marlene de Fáveri*

"No castrar da liberdade,

cortaram seios, ventres,

clitóris.

Subjugaram lutas, sentimentos,

inteligências.

Inutilizaram prazeres, paixões,

consciências.

Não conseguiram matar a fêmea:

ela continuou Mulher!"

(Marlene de Fáveri)

Meu interesse em estudar as mulheres está ligado a minha história de vida. Desde que aprendi a juntar palavras e pensar nelas, interrogo-me sobre o sentido de "ser mulher" e estar num mundo onde se impõem inúmeros limites para o que queremos ser e o que nos conduzem a ser: preñadas e casaduras.

Convivi numa família, a qual, como em tantas outras, das moças só era esperado um bom casamento, e para isso eram educadas. Cobrava-se delas um comportamento coberto de recato e visível ao moço trabalhador, preferencialmente de posses, que a desposaria. Assim, a menina sabia o que a esperava, e acabava esperando também por isso.

* Marlene de Fáveri, natural de Meleiro-SC. Graduação em Ciências Sociais - UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), 1983; Especialização em Didática do Ensino Superior - UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí), 1989; Graduação em História - UNIVALI, 1994; Especialização em História Social - UNIVALI, (em andamento); Ingresso no Mestrado em 1994, Professora Orientadora Dra. Joana Maria Pedro.

Havia, claro, todo um conjunto de rituais aprovados pelo costume local, cujas normas estavam explícitas ou implícitas nas conversas entre comadres, nas escolas, na igreja, no catecismo, nos lares, e que eram seguidas religiosamente sob pena de perder a honra. À medida em que fui percebendo nas entreconversas o sentido de "guardar-se" para ser moça honrada, porque às minhas perguntas só faziam rodeios, passei a questionar meus limites enquanto "elemento feminino" predestinada a diluir-se em afazeres domésticos, o prazer de vez em quando e a prole quase sempre, reafirmando a condição de esposa e mãe, e porque tantas diferenças no trato com o "masculino".

Com o passar dos tempos, a estes questionamentos foram-se somando outros e que sempre me intrigaram, levando-me ao exercício da poesia com temas fortes sobre a mulher e sua condição/situação no mundo, porque "nenhuma mulher vive em vão, toda mulher tem cérebro, consciência e sexo" ¹

As interrogações iniciais levaram-me a uma vontade de saber, uma curiosidade, e não podia pecar por omissão, tão latente minha busca pela identidade. E quão surpreendente foi perceber que as mulheres não eram e não são as `bruxas' que povoaram os contos da infância! Nesse sentido, são as mulheres que, com gosto, vou olhar, embecendo-me de seus anseios e entrevendo-as na história.

A temática que desejo centrar meu estudo pretende focalizar as mulheres de camadas médias que viveram em Itajaí, entre 1900 e 1920, num momento em que suas experiências estiveram voltadas para as tentativas de "agradar os homens". Para tanto, prepararam atitudes e comportamentos que as tornaram visíveis para um bom partido, construindo-se, portanto, idealizadas em seus papéis. E, além disso, sua educação fora voltada para o bom desempenho nos afazeres do domínio privado e para o recato nas esferas do público.

Na exploração deste terreno fascinante, importa-me aqui compreender as mulheres destas camadas médias num contexto de transformação e renovação da cidade, momento em que se tematiza a modernidade e as relações de sociabilidades se

¹ "Nenhuma mulher vive em vão" - poesia de minha autoria.

modificam. Pretendo, assim, conhecer o cotidiano dessas mulheres e como elas se "arrumam" para serem vistas; quais os predicados indispensáveis para despertarem a atenção; que formas de educação recebem; como elas são "desenhadas" para exercerem papéis determinados; quais as imagens que têm de si; enfim, que rituais são produzidos e reproduzidos para que estas mulheres atendam as expectativas masculinas.

O estudo sobre as mulheres, no espaço e tempo que pretendo desenvolver, está centrado num momento importante para a cidade, quando os ares da modernidade estão se adentrando e há um processo de reordenação e renovação do espaço urbano. Houve, nesse período, a instalação da iluminação elétrica (1910); do Colégio São José (1911); do Colégio Víctor Meirelles (1913); de uma linha de bondes; a reforma da instrução pública municipal (1915); a inauguração do Mercado Público (1917); a determinação da obrigatoriedade do ensino dos sete aos doze anos, e, a instalação de fossas sépticas (1920)².

Um cronista que presenciou essas mudanças em Itajaí nos anos que ora estudo, Juventino Linhares, escreveu em suas memórias:

- "Era um mundo novo que o século vinte nos trazia e que tendo já repartido entre os povos mais adiantados na Europa e na América do Norte as dádivas da era moderna, começava a lançar em nossa terra as primeiras amostras de seu prodigioso encantamento. Itajaí ia agora desligar-se para sempre de seu passado de povoação esquecida e adormecente para ingressar paulatinamente na aurora dos tempos novos esperando a oportunidade de enfileirar-se decididamente no torvelinho entontecedor das modernas competições e usufruir também das regalias que as recentes conquistas iam conferindo às aglomerações civilizadas."³

Essa preocupação com o progresso e civilização é evidenciada em diversos jornais da época, onde surgem queixas contra os "maos costumes" da população urbana que criava animais domésticos nas praças e ruas, quarava roupas em lugares visíveis ao

² SILVA, Afonso Luiz da. *Itajaí de ontem e de hoje*. Brusque, Gráfica Mercurio Ltda, s.d.

³ LINHARES, Juventino. *O que a Memória guardou* - coletânea de artigos: Livros 1 e 2. Itajaí, s.d.

público, e mesmo reclamações contra a prática de alguns comerciantes "que põe a secar nas calçadas públicas o açúcar, o feijão" (NOVIDADES,31/07/1904), costumes estes que "muito nos deprimem aos olhos de quem, vindos de outros centros civilizados, nos visitam". Também, em 20/02/1903, é criado o "Centro Aformosador do Itajahy"⁴ que tem por finalidade o embelezamento da cidade com a construção de jardins, praças e uma "longa e extensa avenida começando da praia e atravessando a cidade...", e, agir junto aos poderes competentes para que as casas fossem construídas observando ajardinamento frontal e alinhamento.

As preocupações com urbanização e limpeza da cidade encontradas na imprensa escrita de Itajaí, bem como o aformoseamento, repetem, em outra temporalidade, os discursos sobre a modernidade que se faziam em outros centros urbanos, como no Rio de Janeiro e São Paulo. Conforme nos diz Nicolau Sevcenko⁵, nessas cidades os enfrentamentos na Primeira República se acirram e permitem uma descontinuidade histórica no vislumbre do novo, provocando tensões em torno de padrões e comportamentos a serem observados pelos indivíduos.

É certo que Itajaí não é um centro nacional, porém, é um porto e através deste chegam jornais e livros que trazem discursos enaltecendo a modernidade. E, se os enfrentamentos entre o velho e o novo são menores, o calor das notícias que chegam e o olhar daqueles que vão e trazem o imaginário de modernidade, introduzem referenciais de estar em dia com as modificações que acontecem nos centros maiores. Pode-se supor que tais transformações interferiam também nos costumes privados, os quais vão se adaptando aos novos padrões estéticos e culturais que vêm de fora e passam a povoar o cotidiano das pessoas.

Não podemos perder de vista que nesse momento a cidade está se conformando, além de que se configura como centro administrativo de todo o vale, facilitando a ascensão social de uma elite ligada à esfera pública. Também a situação geográfica privilegiada auxilia o crescimento das atividades comerciais com "um

⁴ O documento de sua fundação encontra-se nos acervos do Arquivo Histórico de Itajaí.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1985; e *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Cia das Letras, 1992.

significativo aumento dos negócios executados através do nosso Porto no correr das duas primeiras décadas"⁶, principalmente na exportação de madeira, sendo este também a porta de entrada de imigrantes que chegam a caminho das colônias, ou que se instalam na cidade.

Ainda, este é o momento em que a primeira geração de imigrantes está se projetando econômica, política e socialmente. Um bom exemplo disso é o aparecimento de um número significativo de anúncios nos jornais (O PROGRESSO, O PHAROL, NOVIDADES), fornecendo os mais variados gêneros e serviços, onde a referência a imigrantes é constante.

Nesse contexto, a cidade deve ser apreendida como um espaço de produção e reprodução de normas de convívio social. Nesse sentido, Maria Stella Bresciani⁷, refletindo sobre as tensões urbanas, indica que a afirmação de novas identidades sociais permite ver a cidade como um espaço onde as elites passam a orientar e preservar a higiene e remodelação urbana, voltada para a formação de uma nova sensibilidade, dividida e organizada sobre pressupostos burgueses, e que vê no 'outro' cidadãos de segunda categoria, não portadores de regras de civilidade⁸.

Vivenciando esse emaranhado de informações e transformações, estão as mulheres, e é neste contexto que meu olhar sobre elas pretende recuperar sua experimentação cotidiana. As mulheres que vou buscar são aquelas cuja educação tornava indispensável o recato, o pudor, a virtude e os bons costumes na preservação do bom nome de suas famílias, e sobre as quais recaía com mais força o cuidado e a guarda de si em função daquilo que delas era esperado no preparo para um bom partido.

Ao mesmo tempo, essas mulheres formaram grupos que lhes oportunizaram práticas de sociabilidades e formas de lazer permitidos pelos padrões da época, enquanto

⁶ D'AVILA, Edison. *Pequena História de Itajaí*. Tubarão, Gráfica Dehon, 1982. p.67.

⁷ BRESCIANI, Maria Stella M. As Sete Portas da Cidade. In: *Revista Espaço e Debates*, n.34, SP/Neru, 1991, p. 10 a 54.

⁸ Sobre o assunto, ver ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. v. 1. RJ, Ed. Jorge Zahar, 1990.

se preparavam para o exercício dos papéis que delas era exigido. Em 1908, por exemplo, existiam quatro sociedades de senhoritas na cidade:

"Perseverança e Edelweis, tendo ambas por fim se reunirem uma vez cada semana para leitura, crochet, bordados, desenhos e darem um baile por ano; Estudantina das Magnólias, para diversões musicais, bailes e pic-nics, e a Estudantina Iracema para concertos (...). Estudantina Iracema era constituída por filhas das principais famílias de Itajahy..."⁹.

Percebe-se que tais associações permitem a educação de atitudes para o exercício de práticas sociais determinadas. Joana Maria Pedro¹⁰, discutindo a experiência feminina na Desterro/Florianópolis na passagem do século, focalizando as "mulheres honestas e mulheres faladas", ajuda a entender a importância da distinção das mulheres na afirmação social das famílias. Aí uma grande preocupação era preparar e educar as filhas para serem esposas prendadas e conseqüentemente obterem a escolha de um bom casamento, e, em Itajaí, devem ter sido experimentadas situações semelhantes na educação de suas atitudes para o exercício de práticas sociais bem demarcadas.

Também na educação formal, foram criadas escolas com classes de sexo separados, evidenciando uma preparação diferenciada para as mulheres. No currículo escolar para o sexo feminino do Colégio Víctor Meirelles¹¹, fundado em 1913, estão referidas disciplinas de "francês", "música" e "trabalhos", mostrando um esforço voltado para o refinamento das mulheres e objetivando sua visibilidade na sociedade. Não podemos perder de vista que, nas primeiras décadas deste século, mesmo conseguindo o acesso à escola, as mulheres das camadas médias tinham poucas possibilidades de prosseguir os estudos em carreiras que ainda lhes eram vedadas, a não ser no magistério. A própria educação escolar ainda era vista com desconfiança, perigosa para a estabilidade das famílias. Preparavam-se, sim, para serem boas mães e mestras, além de aparecerem nos discursos projetadas como responsáveis pelos destinos da nação: delas

⁹ REIS, Carlos. *Álbum de Santa Catarina: 1808*. Rio de Janeiro, Typografia Leuzinger, 1980. p. 97.

¹⁰ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1994.

¹¹ Livro Ata de Promoções Complementares: 1915 a 1934. Acervo do Colégio Victor Meirelles, Itajaí.

dependia a reprodução de valores, "guardiãs do futuro", nas palavras de Maria Candida Delgado Reis¹².

Nesse sentido, as práticas de educação das mulheres, neste início de século, valorizavam seus papéis de mãe e esposa como parte de uma estratégia burguesa, onde o ideal de honestidade ligava-se à maternidade, e, "além de confinar-se no estreito espaço da vida doméstica, a mulher-esposa-dona-de-casa-mãe-de-família deveria aceitar o enclausuramento representado por um modelo rígido, autoritário e dessexualizante"¹³.

Casamento e maternidade: essa era a "razão de ser" das mulheres, principalmente das classe mais abastadas, nos primeiros anos deste século. Margareth Rago chama a atenção para a "emergência de todo um discurso altamente moralista que (...) designa o espaço da vida privada como um campo privilegiado de atuação da mulher"¹⁴. Definem-se, assim, os papéis idealizados da mulher, desenhada para ser boa esposa, amável, cortez, compreensiva, recatada, honesta, prendada, boa mãe e anfitriã e, portanto, normatizada para exercer funções entendidas como próprias do "feminino", permitindo que se anteveja a construção das mulheres que experimentaram o "ser mulher" na Itajaí do início do século.

Não parece ser este o momento em que essas mulheres se mercantilizam enquanto objeto de propaganda e estética, já que os anúncios em jornais da época não fazem referência a produtos de beleza, apenas a roupas e remédios, sem referir-se especificamente "à mulher". Parece que essas mulheres estão se "maquiando" mais com a preocupação de refinamento de seus costumes no alcance de distinções. Aliás, é de bom alvitre lembrar que este é um tempo em que a construção da "mulher honesta" se dá na fronteira da "outra", sendo, portanto, imprescindível a discrição no arrumar-se e o cuidado no conduzir-se.

¹² REIS, Maria Candida Delgado. *Tessitura de destinos: mulher e educação*. São Paulo, 1910/20/30. São Paulo, EDUC, 1993.

¹³ RAGO, Margareth. De Eva a Santa: a dessexualização da mulher no Brasil. In: RIBEIRO, Renato J. (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 222-223.

¹⁴ Idem. p. 222.

Um outro dado interessante presente em todos os jornais da época, é a preocupação em informar a população local sobre enlaces matrimoniais ocorridos na cidade, sempre na forma de "consoziaram-se" ou "contratou casamento". Isso revela a importância desses enlaces para a sociedade, uma vez que através deles construíram-se alianças, juntaram-se fortunas, e sobretudo foram assegurados lugares de destaque para as mulheres na sociedade. Um estudo que provoca evidências nesse sentido foi feito por Eni de Mesquita Samara¹⁵, analisando São Paulo no século XIX, onde constata que os matrimônios se realizavam em círculos limitados e sujeitos a normas e padrões que agrupavam indivíduos em função da classe social, e os arranjos, tratando-se de famílias importantes, levariam em conta valores de riqueza e ocupação.

Todas essas práticas que venho citando demonstram não apenas que as mulheres estavam presentes na vida social, mas que sua presença se fazia mediante o uso de saberes que elas acumulavam e produziam de maneira a exercerem poderes no ambiente social a que estavam inseridas.

Michel Foucault¹⁶, discutindo a história da sexualidade e os mecanismos de poder-saber, ao longo desses últimos séculos, indica ter havido um rigor mais acentuado no trato com os sentidos entre as classes mais abastadas. À medida que prolifera o discurso que submete à mulher uma moral rígida e a remete ao domínio privado, inaugura-se uma produção de saberes que permitem a construção de uma determinada mulher, a qual, por sua vez, investe nestes saberes de modo a exercer um poder que a torne visível, mesmo que para o encanto do masculino.

Embora essas práticas de educação das mulheres moldavam-nas segundo papéis idealizados, o propósito aqui é enfatizar que elas também ajudavam a construí-los e a contestá-los na medida em que também exerciam seus poderes. Por esta via, as mulheres do início deste século que quero buscar, estão associadas a uma textura de padrões culturais que as fizeram femininas, e onde parece ter sido fundamental o preparo para o agrado de um bom moço e assim serem escolhidas para um bom casamento.

¹⁵ SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo, Marco Zero, 1989.

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. v. 1. RJ, Ed. Grahal, 1988.

Mulheres essas que vivenciaram um momento e um modelo peculiar da educação de suas atitudes para o desempenho de papéis sociais definidos.

Com este olhar, pretende-se a recuperação da concretude das experiências das mulheres, num tempo e lugar, não excluídas da história, mas vivenciando o "ser mulher" de maneira própria, e estabelecendo um diálogo com o presente, sem pretender uma linearidade, mas entrevedo homens e mulheres que construíram histórias genuínas. Descortinada dessa forma, a análise histórica é capaz de permitir a visualização de fenômenos, ritos, permanências, rupturas, regularidades na construção de imagens que tornem os seres humanos mais palpantes em seus anseios e desejos.

Se as sociedades que nos antecederam distinguiram-se por suas experiências desenvolvidas numa temporalidade própria, com especificidades e padrões culturais incessantemente elaborados e reelaborados, cabe ao historiador investigar pistas, construir narrativas do cotidiano, dos pormenores, das minúcias, assegurando aí a liberdade dos agentes. Para perceber essas especificidades, obriga-se o pesquisador a buscar a pluralidade de métodos de forma a entrever as diversidades e explorar a variedade destas diferenças, porque é nisso que se assegura um lugar para as mulheres na história.

Nesse "dar vida à história" é preciso compreender igualmente dar vida às mulheres. Sim, porque se a história é movimento, se é viva, nela as mulheres tomaram parte com seus corpos e vontades, insinuantes, inquietas. E, dessa inquietude, às vezes disfarçada, às vezes apagada pela exclusão de uma história que as renegou, as mulheres merecem serem revisitadas, incluindo aí seus papéis sociais, imagens, angústias, resistências, distinções, atitudes, sentimentos, desejos, desenhos, temores, distinções, para torná-las visíveis no processo histórico.

Se até bem pouco tempo, a maior parte dos discursos feministas não ia além das denúncias de discriminação e das propostas de igualdade, hoje sabemos que a história das mulheres não pode ficar somente no discurso da opressão, mas entendida como tensões e resistências, fugindo da análise simplista opressor-oprimido. Ou, por

outras palavras, não pode ser vista em separado das relações e práticas que construíram os sujeitos.

Joan Scott¹⁷, por exemplo, coloca este debate num universo binário, porque "o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos", e não pode ser entendido fora da esfera cultural que constrói o ser feminino ou masculino. Portanto, o gênero é entendido como um produto sócio-cultural, apreendido e transmitido ao longo de gerações, e se faz na construção das relações sociais entre homens e mulheres. Sobre a história das mulheres, Scott¹⁸ ainda nos diz que "esta atingiu uma certa legitimidade como empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e experiência separadas das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres, assegurando um local para a história das mulheres na disciplina e afirmando sua diferença na 'história'".

Sabemos que, desde a afirmação da história como disciplina científica, no século XIX, as mulheres figuraram papéis e representações de ideais masculinos, e, face a estas idealizações, é de bom termo que as mulheres passem a serem vistas não mais pelo viés da historiografia que as desenhou com papéis ideais de mãe e esposa, mas por meio de uma refiguração que as apresentem manifestas ou latentes no seio de uma certa sociedade. Concordando com Mary del Priore¹⁹, "deve-se fugir da história que faz da mulher uma vítima", porque soa como coitada, digna de pena, e não foi este o vivenciar das mulheres!

Assim, as mulheres que pretendo olhar não são "vítimas", mas pessoas ocupando espaços, construindo saberes, vivenciando o "ser mulher" com sentimentos, gostos e cuidado de si para o encanto do outro, mas também para a realização de seus próprios sonhos!

¹⁷ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez, 1990. p.14

¹⁸ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo, UNESP, 1992, p. 84.

¹⁹ DEL PRIORE, Mary. A Mulher na História do Brasil. São Paulo, Contexto, 1992. 3a. ed., p. 13.

Enfim, a emergência das mulheres, bem como outras personagens invisíveis, nas reconstruções historiográficas, devem ser cotejadas, por um lado, com as reflexões já produzidas acerca deste tema, e, por outro, perseguindo pistas e evidências, além de que, neste caso, será feita pelo gosto e entusiasmo da descoberta e pelo desejo de desmistificar a fragilidade feminina tanto apreçada em diferentes discursos. Como disse Michelle Perrot²⁰, "as mulheres não são passivas nem submissas", porque estiveram presentes "por outras palavras, outros gestos", peculiares do feminino, de um determinado tempo e lugar.

Portanto, entreolhar as mulheres em Itajaí, nos vinte anos iniciais deste século, permite pensar a educação de suas paixões, com o cuidado de entendê-las como mulheres de sua época, envolvidas com desejos e sentidos, os quais muitas vezes lhes foram negados em função de modelos preconcebidos para a preservação dos bons costumes.

Não é mais possível fechar os olhos. Há que se abrir frestas, janelas, portas, e deixar que as mulheres passem a circular livremente por entre as alamedas do mundo dos que vivem. Aquelas, já se foram, mas permanecem na memória, nos objetos, nas cartas, nas fotografias, nas casas, na História. Outras, seguem existindo. E todas belas, resistentes, absolutamente genuínas! É, então, um estudo para a história e para a vida!

²⁰ PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. RJ, Paz e Terra, 1988, p. 212.